

L

O

G

O

Cooperação Brasil Moçambique

Projecto Ntwanano

Foto

De uma maneira geral, os rapazes e as raparigas recebem qualificações e atribuições diferentes na escola (Browne e France, 1988). Os rapazes costumam ser qualificados como mais corajosos, criativos e inquietos. Tudo isto é característico de uma personalidade activa e forte e é lhe dado um valor positivo. Pelo contrário, as raparigas são qualificadas como mais tranquilas e submissas.

Seminário de Advocacia	1
Cooperação Suíça	2
Activistas	2
Sei lá	3
Tratamento ARV	4
Agenda	4

Seminário de Advocacy

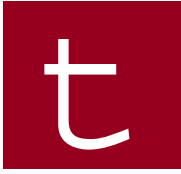
Em julho de 2003

De uma maneira geral, os rapazes e as raparigas recebem qualificações e atribuições diferentes na escola (Browne e France, 1988). Os rapazes costumam ser qualificados como mais corajosos, criativos e inquietos. Tudo isto é característico de uma personalidade activa e forte e é lhe dado um valor positivo. Pelo contrário, as raparigas são qualificadas como mais tranquilas e submissas.

Esta situação traduz-se em diferentes avaliações de rapazes e raparigas segundo estereótipos de género. Em face de um mesmo tipo de intervenção na aula, os professores consideram-na de maneira diferente, consoante se trate de um rapaz ou de uma rapariga. Enquanto que um erro de uma rapariga se aplica ao género em seu conjunto, um erro de um rapaz só se aplica de modo individual. Por seu lado, os rapazes e raparigas explicam de maneira diferente o êxito ou o fracasso escolar. As raparigas atribuem os maus resultados à “falta de capacidade”, enquanto que os rapazes o atribuem a “falta de esforço”. Por outro lado, o êxito de uma tarefa é atribuído, pelas raparigas, ao factor sorte. Esta situação pode ter a sua origem na atitude dos professores que atribuem o fracasso a razões diferentes consoante o sexo. Cada uma destas interpretações inibe ou facilita a aprendizagem.

Outro problema é o tipo e a quantidade de interacções verbais que os professores mantêm na aula, dirigidas mais aos rapazes do que as raparigas. As aulas são espaços de rapazes, tanto pela sua maior participação como pela atenção que lhes é dada pelos professores (Torres, 1991). Apesar desta discriminação sexista, as raparigas tendem a ser mais estudiosas e a obter maiores êxitos académicos. Por isso, é fundamental o papel do professor como reforço a esta mudança gradual da atitude frente às raparigas. O professor necessita duma preparação para a leccionação das aulas na perspectiva de género, com vista à eliminação dos estereótipos na sala de aulas.

Organizações e Ajuda



De uma maneira geral, os rapazes e as raparigas recebem qualificações e atribuições diferentes na escola (Browne e France, 1988). Os rapazes costumam ser qualificados como mais corajosos, criativos e inquietos. Tudo isto é característico de uma personalidade activa e forte e é-lhe dado um valor positivo. Pelo contrário, as raparigas são qualificadas como mais tranquilas e submissas.

Esta situação traduz-se em diferentes avaliações de rapazes e raparigas segundo estereótipos de género. Em face de um mesmo tipo de intervenção na aula, os professores consideram-na de maneira diferente, consoante se trate de um rapaz ou de uma rapariga. Enquanto que um erro de uma rapariga se aplica ao género em seu conjunto, um erro de um rapaz só se aplica de modo individual. Por seu lado, os rapazes e raparigas explicam de maneira diferente o êxito ou o fracasso escolar. As raparigas atribuem os maus resultados à “falta de capacidade”, enquanto que os rapazes o atribuem a “falta de esforço”. Por outro lado, o êxito de uma tarefa é atribuído, pelas raparigas, ao factor sorte. Esta situação pode ter a sua origem na atitude dos professores que atribuem o fracasso a razões diferentes consoante o sexo. Cada uma destas interpretações inibe ou facilita a aprendizagem.

Outro problema é o tipo e a quantidade de interações verbais que os professores mantêm na aula, dirigidas mais aos rapazes do que as raparigas. As aulas são espaços de rapazes, tanto pela sua maior participação como pela atenção que lhes é dada pelos professores (Torres, 1991). Apesar desta discriminação sexista, as raparigas tendem a ser mais estudiosas e a obter maiores êxitos académicos. Por isso, é fundamental o papel do professor como reforço a esta mudança gradual da atitude frente às raparigas. O professor necessita duma preparação para a leccionação das aulas na perspectiva de género, com vista à eliminação dos estereótipos na sala de aulas.

Qualificações e atribuições diferentes na escola (Browne e France, 1988). Os rapazes costumam ser qualificados como mais corajosos, criativos e inquietos. Tudo isto é característico de uma personalidade activa e forte e é-lhe dado um valor positivo. Pelo contrário, as raparigas são qualificadas como mais tranquilas e submissas.

Esta situação traduz-se em diferentes avaliações de rapazes e raparigas segundo estereótipos de género. Em face de um mesmo tipo de intervenção na aula, os professores consideram-na de maneira diferente, consoante se trate de um rapaz ou de uma rapariga. Enquanto que um erro de uma rapariga se aplica ao género em seu conjunto, um erro de um rapaz só se aplica de modo individual. Por seu lado, os rapazes e raparigas explicam de maneira diferente o êxito ou o fracasso escolar. As raparigas atribuem os maus resultados à “falta de capacidade”, enquanto que os rapazes o atribuem a “falta de esforço”. Por outro lado, o êxito de uma tarefa é atribuído, pelas raparigas, ao factor sorte. Esta situação

Foto

Qualificações e atribuições diferentes na escola (Browne e France, 1988). Os rapazes costumam ser qualificados como mais corajosos, criativos e inquietos. Tudo isto é característico de uma personalidade activa e forte e é-lhe dado um valor positivo. Pelo contrário, as raparigas são qualificadas como mais tranquilas e submissas.

Qualificações e atribuições diferentes na escola (Browne e France, 1988). Os rapazes costumam ser qualificados como mais corajosos, criativos e inquietos. Tudo isto é característico de uma personalidade activa e forte e é-lhe dado um valor positivo. Pelo contrário, as raparigas são qualificadas como mais tranquilas e submissas.

Esta situação traduz-se em diferentes avaliações de rapazes e raparigas segundo estereótipos de género. Em face de um mesmo tipo de intervenção na aula, os professores consideram-na de maneira diferente, consoante se trate de um rapaz ou de uma rapariga. Enquanto que um erro de uma rapariga se aplica ao género em seu conjunto, um erro de um rapaz só se aplica de modo individual. Por seu lado, os rapazes e raparigas explicam de maneira diferente o êxito ou o fracasso escolar. As raparigas atribuem os maus resultados à “falta de capacidade”, enquanto que os rapazes o atribuem a “falta de esforço”. Por outro lado, o êxito de uma tarefa é atribuído, pelas raparigas, ao factor sorte. Esta situação pode ter a sua origem na atitude dos professores que atribuem o fracasso a razões diferentes consoante o sexo. Cada uma destas interpretações inibe ou facilita a aprendizagem.

Análise

Mensagem ou qualquer coisa

ões e atribuições diferentes na escola (Browne e France, 1988). Os rapazes costumam ser qualificados como mais corajosos, criativos e inquietos. Tudo isto é característico de uma personalidade activa e forte e é lhe dado um valor positivo. Pelo contrário, as raparigas são qualificadas como mais tranquilas e submissas.

Esta situação traduz-se em diferentes avaliações de rapazes e raparigas segundo estereótipos de género. Em face de um mesmo tipo de intervenção na aula, os professores consideram-na de maneira diferente, consoante se trate de um rapaz ou de uma rapariga. Enquanto que um erro de uma rapariga se aplica ao género em seu conjunto, um erro de um rapaz só se aplica de modo individual. Por seu lado, os rapazes e raparigas explicam de maneira diferente o êxito ou o fracasso escolar. As raparigas atribuem os

ões e atribuições diferentes na escola (Browne e France, 1988). Os rapazes costumam ser qualificados como mais corajosos, criativos e inquietos. Tudo isto é característico de uma personalidade activa e forte e é lhe dado um valor positivo. Pelo contrário, as raparigas são qualificadas como mais tranquilas e submissas.

Esta situação traduz-se em diferentes avaliações de rapazes e raparigas segundo estereótipos de género. Em face de um mesmo tipo de intervenção na aula, os professores consideram-na de maneira diferente, consoante se trate de um rapaz ou de uma rapariga. Enquanto que um erro de uma rapariga se aplica ao género em seu conjunto, um erro de um rapaz só se aplica de modo individual. Por seu lado, os rapazes e raparigas explicam de maneira diferente o êxito ou o fracasso escolar. As raparigas atribuem os

maus resultados à “falta de capacidade”, enquanto que os rapazes atribuem a “falta de esforço”. Por outro lado, o êxito de uma tarefa é atribuído, pelas raparigas, ao factor sorte. Esta situação pode ter a sua origem na atitude dos professores que atribuem o fracasso a razões diferentes consoante o sexo. Cada uma destas interpretações inibe ou facilita a aprendizagem.

Outro problema é o tipo e a quantidade de interacções verbais que os professores mantêm na aula, dirigidas mais aos rapazes do que as raparigas. As aulas são espaços de rapazes, tanto pela sua maior participação como pela atenção que lhes é dada pelos professores (Torres, 1991). Apesar desta discriminação sexista, as raparigas tendem a ser mais estudiosas e a obter maiores êxitos académicos. Por isso, é fundamental o papel do professor como reforço a esta mudança gradual da atitude frente às raparigas. O professor necessita duma preparação para a leccionação das aulas na perspectiva de género, com vista à eliminação dos estereótipos na sala de aulas.

De uma maneira geral, os rapazes e as raparigas recebem qualificações e atribuições diferentes na escola (Browne e France, 1988). Os rapazes costumam ser qualificados como mais corajosos, criativos e inquietos. Tudo isto é característico de uma personalidade activa e forte e é lhe dado um valor positivo. Pelo contrário, as raparigas são qualificadas como mais tranquilas e submissas.

Esta situação traduz-se em diferentes avaliações de rapazes e raparigas segundo estereótipos de género. Em face de um mesmo tipo de intervenção na aula, os professores consideram-na de maneira diferente, consoante se trate de um rapaz ou de uma rapariga. Enquanto que um erro de uma rapariga se aplica ao género em seu conjunto, um erro de um rapaz só se aplica de modo individual. Por seu lado, os rapazes e raparigas explicam de maneira diferente o êxito ou o fracasso escolar. As raparigas atribuem os

maus resultados à “falta de capacidade”, enquanto que os rapazes atribuem a “falta de esforço”. Por outro lado, o êxito de uma tarefa é atribuído, pelas raparigas, ao factor sorte. Esta situação pode ter a sua origem na atitude dos professores que atribuem o fracasso a razões diferentes consoante o sexo. Cada uma destas interpretações inibe ou facilita a aprendizagem. Outro problema é o tipo e a quantidade de interacções verbais que os professores mantêm na aula, dirigidas mais aos rapazes do que as raparigas. As aulas são espaços de rapazes, tanto pela sua maior participação como pela atenção que lhes é dada pelos professores (Torres, 1991). Apesar desta discriminação sexista, as raparigas tendem a ser mais estudiosas e a obter maiores êxitos académicos. Por isso, é fundamental o papel do professor como reforço a esta mudança gradual da atitude frente às raparigas. O professor necessita duma preparação para a leccionação das aulas na perspectiva de género, com vista à eliminação dos estereótipos na sala de aulas.

Tratamento ARV: cooperation

ões e atribuições diferentes na escola (Browne e France, 1988). Os rapazes costumam ser qualificados como mais corajosos, criativos e inquietos. Tudo isto é característico de uma personalidade activa e forte e é lhe dado um valor positivo. Pelo contrário, as raparigas são qualificadas como mais tranquilas e submissas.

Esta situação traduz-se em diferentes avaliações de rapazes e raparigas segundo estereótipos de género. Em face de um mesmo tipo de intervenção na aula, os professores consideram-na de maneira diferente, consoante se trate de um rapaz ou de uma rapariga. Enquanto que um erro de uma rapariga se aplica ao género em seu conjunto, um erro de um rapaz só se aplica de modo individual. Por seu lado, os rapazes e raparigas explicam de maneira diferente o êxito ou o fracasso escolar. As raparigas atribuem os maus resultados à “falta de capacidade”, enquanto que os rapazes o atribuem a “falta de esforço”. Por outro lado, o êxito de uma tarefa é atribuído, pelas raparigas, ao factor sorte. Esta situação pode ter a sua origem na atitude dos professores que atribuem o fracasso a razões diferentes consoante o sexo. Cada uma destas interpretações inibe ou facilita a aprendizagem.

Outro problema é o tipo e a quantidade de interacções verbais que os professores mantêm na aula, dirigidas mais a

ões e atribuições diferentes na escola (Browne e France, 1988). Os rapazes costumam ser qualificados como mais corajosos, criativos e inquietos. Tudo isto é característico de uma personalidade activa e forte e é lhe dado um valor positivo. Pelo contrário, as raparigas são qualificadas como mais tranquilas e submissas.

Esta situação traduz-se em diferentes avaliações de rapazes e raparigas segundo estereótipos de género. Em face de um mesmo tipo de intervenção na aula, os professores consideram-na de maneira diferente, consoante se trate de um rapaz ou de uma rapariga. Enquanto que um erro de uma rapariga se aplica ao género em seu conjunto, um erro de um rapaz só se aplica de modo individual. Por seu lado, os rapazes e raparigas explicam de maneira diferente o êxito ou o fracasso escolar. As raparigas atribuem os maus resultados à “falta de capacidade”, enquanto que os rapazes o atribuem a “falta de esforço”. Por outro lado, o êxito de uma tarefa é atribuído, pelas raparigas, ao factor sorte. Esta situação pode ter a sua origem na atitude dos professores que atribuem o fracasso a razões diferentes consoante o sexo. Cada uma destas interpretações inibe ou facilita a aprendizagem.

Outro problema é o tipo e a quantidade de interacções verbais que os professores mantêm na aula, dirigidas mais a

ões e atribuições diferentes na escola (Browne e France, 1988). Os rapazes costumam ser qualificados como mais corajosos, criativos e inquietos. Tudo isto é característico de uma personalidade activa e forte e é lhe dado um valor positivo. Pelo contrário, as raparigas são qualificadas como mais tranquilas e submissas.

Esta situação traduz-se em diferentes avaliações de rapazes e raparigas segundo estereótipos de género. Em face de um mesmo tipo de intervenção na aula, os professores consideram-na de maneira diferente, consoante se trate de um rapaz ou de uma rapariga. Enquanto que um erro de uma rapariga se aplica ao género em seu conjunto, um erro de um rapaz só se aplica de modo individual. Por seu lado, os rapazes e raparigas explicam de maneira diferente o êxito ou o fracasso escolar. As raparigas atribuem os maus resultados à “falta de capacidade”, enquanto que os rapazes o atribuem a “falta de esforço”. Por outro lado, o êxito de uma tarefa é atribuído, pelas raparigas, ao factor sorte. Esta situação pode ter a sua origem na atitude dos professores que atribuem o fracasso a razões diferentes consoante o sexo. Cada uma destas interpretações inibe ou facilita a aprendizagem.

Outro problema é o tipo e a quantidade de interacções verbais que os professores mantêm na aula, dirigidas mais aos rapazes do que as raparigas. As aulas são espaços de

ões e atribuições diferentes na escola (Browne e France, 1988). Os rapazes costumam ser qualificados como mais corajosos, criativos e inquietos. Tudo isto é característico de uma personalidade activa e forte e é lhe dado um valor positivo. Pelo contrário, as raparigas são qualificadas como mais tranquilas e submissas.

Esta situação traduz-se em diferentes avaliações de rapazes e raparigas segundo estereótipos de género. Em face de um mesmo tipo de intervenção na aula, os professores consideram-na de maneira diferente, consoante se trate de um rapaz ou de uma rapariga. Enquanto que um erro de uma rapariga se aplica ao género em seu conjunto, um erro de um rapaz só se aplica de modo individual. Por seu lado, os rapazes e raparigas explicam de maneira diferente o êxito ou o fracasso escolar. As raparigas atribuem os maus resultados à “falta de capacidade”, enquanto que os rapazes o atribuem a “falta de esforço”. Por outro lado, o êxito de uma tarefa é atribuído, pelas raparigas, ao factor sorte. Esta situação pode ter a sua origem na atitude dos professores que atribuem o fracasso a razões diferentes consoante o sexo. Cada uma destas interpretações inibe ou facilita a aprendizagem.

Outro problema é o tipo e a quantidade de interacções verbais que os professores mantêm na aula, dirigidas mais aos rapazes do que as



Qualquer coisa

ões e atribuições diferentes na escola (Browne e France, 1988). Os rapazes costumam ser qualificados como mais corajosos, criativos e inquietos. Tudo isto é característico de uma personalidade activa e forte e é lhe dado um valor positivo. Pelo contrário, as raparigas são qualificadas como mais tranquilas e submissas.

Endereço para Contato:

Barsil

Moçambique